

Memória artificial, moratória de fim de século e reciclagem: o intelectual e a modernidade

Prof.^a Ms. Cerize Aparecida Nascimento Gomes
Departamento de Ciências Humanas
UNICENTRO, Guarapuava, Paraná

Resumo. Este ensaio tem como meta a reflexão sobre a aventura da modernidade, debatendo com autores clássicos e contemporâneos os efeitos da revolução tecnológica sobre o veloz e violento século XX. Debates sobre fronteiras móveis e desafios interdisciplinares; modernidade e pós-modernidade; reciclagem e *fin de siècle* buscam promover uma visão dos tempos modernos. Além das relações entre a história e a literatura, a pesquisa concede abertura também para a filosofia e algumas ciências sociais, como a economia e a política, propondo novos enfoques sobre a mobilidade das fronteiras e a importância de se trabalhar com as mais diferentes áreas do saber. Uma nova forma de ler, ver, escrever e fazer história - tendo como instrumentos a linguagem e a imagem - é o grande desafio deste ensaio.

Palavras-chave: fronteiras móveis, modernidade, reciclagem e fim de século.

Abstract. The main objective of this research is to reflect on the adventure of modernity and to debate with classical and contemporary authors about the effects of the technological revolution on the speedy and violent 20th century: fluid boundaries and interdisciplinary challenges; modernity e post-modernity; recycling and *fin de siècle*, in order to promote a vision of modern times. Besides the relation between history and literature, the research also provides an opening to philosophy and social sciences, such as economy and politics, proposing new ways to focus on the fluid boundaries and the importance of working with the many different areas of knowledge. To present a new form of reading, looking at, writing and making history - having language and image as instruments - is the great challenge of this essay.

Key-words: fluid boundaries, modernity, recycling e *fin de siècle*.

“A descontinuidade, a ruptura e o caos são o nosso destino”

(Hayden White)

O que vem a ser a modernidade? Quais seus efeitos sobre a humanidade e a história?

As teorias de Marschal Berman, professor de Ciência Política da Universidade de Nova York, que nasceu e cresceu no Bronx, passou pelos movimentos dos anos 60 e viveu intensamente o Maio de 1968, vêm sacudindo as academias com novas concepções sobre a aventura da modernidade, reunindo condições para a ordenação do debate teórico em torno desse assunto.

Em seu ensaio histórico e literário “Tudo que é sólido desmancha no ar”, Berman remete-nos às aventuras da modernidade, abordando a ironia moderna que se insinua em muitas das obras de arte e no pensamento dos séculos XVIII e XIX. Para o autor, a modernidade representa um tipo de experiência vital que está disseminada entre milhões de pessoas comuns como uma forma de enfrentar as contradições que se apresentam em suas vidas cotidianas.

Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1986:15).

E o que somos? Quem somos? Parafraseando Berman, (em diversas passagens da sua obra) somos uma multidão de fragmentos que falam linguagens confidenciais, sobre os quais a atmosfera pesa várias toneladas, que habitam prolíferas cidades que cresceram da noite para o dia, semibárbaros bem-aventurados, vivendo realmente em perigo, à beira de abismos nietzschianos, num século que produziu uma assombrosa quantidade de obras e idéias da mais alta qualidade, num mundo onde há tanto de que se envergonhar e tanto a temer, onde o sofrimento moral, a bondade do coração, a afeição e o amor, foram abolidos como venenos corrosivos. Vivemos uma era em que a comunicação se faz através de linguagens gráficas e frias, em que estamos perdendo cada vez mais a capacidade de dialogar, organizar e dar sentido a nossas vidas, uma era fáustica que perdeu o contato com as origens da própria modernidade, e que precisa sair em busca do que está perdido:

A modernidade, no curso de cinco séculos, desenvolveu uma rica história e uma variedade de tradições próprias. Minha intenção é mapear e explorar essas

tradições, a fim de compreender de que modo elas podem nutrir e enriquecer nossa própria modernidade e como podem empobrecer ou obscurecer o nosso senso do que seja ou possa ser a modernidade (BERMAN, 1986:15).

O mapeamento realizado por Berman promove uma avalanche de idéias, teorias e conclusões sobre a modernidade e seus efeitos sobre o homem e a história. Desinventando fronteiras e aproximando disciplinas, o autor mostra que, para nós, contemporâneos, modernismo é realismo. Ou seja, que tudo aquilo que se apregou ao longo dos séculos sobre a modernidade hoje se tornou realidade.

Os modernismos do passado podem devolver-nos o sentido de nossas próprias raízes modernas, raízes que remetem a duzentos anos atrás. Eles podem ajudar-nos a conectar nossas vidas à de milhares de indivíduos que vivem a centenas de milhas, em sociedades radicalmente distintas da nossa - e a milhões de pessoas que passaram por isso há um século ou mais (BERMAN, 1986:15).

Ao percorrermos esse caminho de volta com a pretensão de salvar o ser humano e sensível que ainda vive em nós, seres sociais, somos remetidos a dois séculos atrás, e encontramos em Rousseau e Nietzsche algumas das primeiras visões do que seria o mundo urbano com o advento das cidades e das luzes. Em 1750, em seu discurso sobre “O restabelecimento das ciências e das artes”, na Academia e Dijon, Rousseau anteviu o caminho da moderna sociedade e relatou para onde estava caminhando a humanidade:

Não se ousa mais parecer tal como se é, sob tal coerção perpétua, os homens que formam o rebanho chamado sociedade, nas mesmas circunstâncias, farão todos as mesmas coisas desde que motivos mais poderosos não os desviem. Nunca se saberá, pois, com quem se trata: será preciso, portanto para conhecer o amigo, esperar pelas grandes ocasiões.... (ROUSSEAU, 1983:336).

Tomando por base o estado de perfeição ambicionado pelas ciências e pelas artes de um modo geral, a polidez das maneiras e dos discursos dos homens, Rousseau anteviu a sociedade capitalista e concluiu que a humanidade, quanto mais rústica, mais natural. Segundo ele, a promoção das ciências e das artes de forma descomprometida com o desenvolvimento do espírito e da felicidade do gênero humano, levaria a sociedade para um desfile de vícios, escândalos e insatisfações:

Que cortejo de vícios não acompanha essa incerteza! Não mais amizades sinceras e estima real; não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de nosso século (ROUSSEAU, 1983:336).

Em 1881, mais de 100 anos mais tarde, Nietzsche escreve suas reflexões sobre a modernidade, deparando-se com pensamentos que lhe indagavam se o mundo

iria enrijecer, secar, morrer, tornar-se nada? Alcançaria este nosso mundo um estado de equilíbrio, teria algum alvo ou poderia ser corrigido? Como se contemplasse o futuro com os olhos dos pensadores preocupados com o destino do homem e do mundo, assim falou Nietzsche:

E sabeis sequer o que é para mim “o mundo”? Devo mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, bronzêa grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo... ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali minguando (NIETZSCHE, 1984:397).

Ao descrever esse mundo mutante, o filósofo, que ficou famoso por matar Deus e inventar o super homem, descreve a força das idéias que convivem, convergem e divergem num mesmo contexto social:

Um mar de forças tempestuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes, com desconhecidos anos de retorno, com uma vazante e enchente de suas configurações, partindo das mais simples às mais múltiplas, do mais quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo (NIETZSCHE, 1984:397).

Um mundo dionisiaco, além do bem e do mal, eternamente mutante, onde a potência, a força reside exatamente na vontade dos homens e das coisas. Um mundo em que a verdadeira potência criativa, o poder mais secreto das criaturas, habita no sonho, no desejo profundo da realização, do acontecimento, da vida.

Esse meu mundo dionisiaco do eternamente criar-se a si próprio, do eternamente destruir-se a si próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu mundo para além do bem e do mal... Esse mundo é a vontade de potência - e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência - e nada além disso! (NIETZSCHE, 1984:397).

Para Nietzsche, os mais intrépidos, os mais fortes, bebem, na fonte, as primeiras noções da modernidade, comem a raiz dos pensamentos que vislumbram nosso mundo para além do bem e do mal. Observam a passarela de vícios de uma sociedade que beira o abismo. Respiram num mundo que anda do mais quieto, rígido e frio para o mais ardente, selvagem e contraditório. Regressando a duzentos ou cem anos atrás, Berman retoma teorias roussonianas e nietzchenianas para anunciar o surgimento de uma raça não-humana no turbilhão da vida moderna:

Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos,

lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão (BERMAN, 1986:16).

Para Berman, é o excesso de possibilidades e teorias, o capitalismo selvagem, a celebração da tecnologia moderna, o namoro dos nossos jovens com as máquinas, o distanciamento entre o intelectual e o povo, que resulta num mundo em que as massas são tratadas como coisas programáveis, sem ego, nem alma, com vidas inteiramente manipuláveis. O autor alerta que até mesmo o desejo sexual das pessoas é administrado pelas modernas tecnologias de poder, que tomam a vida como objeto, com controle sobre as mentes, corpos, energias, sensações e prazeres, apagando nossa identidade humana:

Resta muito pouco para o homem moderno executar além de apertar um botão... A tecnologia moderna e a organização social condicionaram o destino do homem... Não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal - quase podíamos dizer: sem ser (BERMAN, 1986: 26-27).

Essa visão da modernidade, da revolução tecnológica e dos seus reflexos sobre a história e a humanidade, é disseminada também por Jean Baudrillard. Em "A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos", o autor, acostumado às leis da física e da mídia sobre a história, acrescenta que o historiador está buscando alternativas para escapar de um balanço de fim de século, momento em que a humanidade tenta fugir de uma amnésia coletiva, através do polimento, do branqueamento de sua memória, diante do desaparecimento inevitável da grande história, de uma narrativa globalizada que pretende envolver tudo e todos num mesmo enredo: "A aceleração da modernidade, técnica, factual, mediática, a aceleração de todas as trocas, econômica, política, sexual, nos conduziram a uma tal velocidade de libertação que acabamos por escapar à esfera referencial do real e da história" (BAUDRILLARD, 1994:8).

Essa falta de referências, segundo Baudrillard, fez com que saíssemos de um certo espaço-tempo, de um horizonte onde o real é possível e a gravidade forte, para um horizonte onde o fato político, histórico, cultural está dotado de energia cinética que o projeta no hiper-espaço. Um certo ritmo, uma certa distância e uma certa liberdade são utilizados para que se produza uma espécie de condensação, de cristalização significativa dos acontecimentos. Para o autor, os efeitos trazidos por essa revolução tecnocientífica sobre a história são intensos, como um curto circuito em tempo real. As mudanças pontuam o fim da linguagem humana e a criação de uma memória artificial:

Cada conjunto cultural, factual, tem de ser fragmentado, desarticulado, para entrar nos circuitos, cada linguagem tem de ser convertida em dispositivo binário para circular,

não nas nossas memórias, mas na memória, eletrônica e luminosa dos computadores. Nenhuma linguagem humana resiste à velocidade da luz (BAUDRILLARD, 1994: 8).

Dentro dos conceitos velozes da modernidade o autor deixa entrever a ilusão do fim da história, o mal-estar completo da história, ampliando a imagem do fato que, para ser difundido no infinito, tem de ser fragmentado como uma partícula, podendo assim atingir uma velocidade de não-regresso, a velocidade da luz, que o afastará definitivamente da história. Para Baudrillard, esses conceitos provêm diretamente da física: "A matéria atravessa a passagem do tempo, o fenômeno cresce quando a densidade aumenta. Ultrapassando um determinado limite, o tempo pára, o comprimento da onda torna-se infinito. A onda deixa de existir. A luz extingue-se" (BAUDRILLARD, 1994:10).

Essa analogia conduz para o "afrouxamento" ou relaxamento da história quando esta toca o corpo astral das maiorias silenciosas, uma vez que, no sentido de massa crítica, a sociedade está dominada por esse processo de superação. Segundo o autor, contra as possíveis mobilizações revolucionárias, existe hoje uma força de inércia equivalente a uma imensa indiferença. Essas massas neutralizadas e falsificadas pelas informações, neutralizam a história. Baudrillard vê que todas as estratégias políticas e sociais estão desorganizadas e que a história com seu peso e sua inércia, sem imaginação, arrefece em torno do astro frio do social: "A história já não consegue encontrar a velocidade de libertação, já não consegue arrancar-se do corpo demasiado denso que retarda a sua trajetória, que retarda o tempo, a ponto de, a partir de agora a percepção, a imaginação do futuro, nos escaparem" (BAUDRILLARD, 1994: 12).

Na ordem cósmica de Baudrillard, não sabemos se a história atingirá essa velocidade de libertação que a faria alcançar uma expansão definitiva, em que a energia original a arrastasse num movimento implacável adiante da contração e da inércia. Se isso não ocorrer, o autor decreta o fim da história:

A história termina aqui não por falta de atores, nem de violência (haverá cada vez mais violência), nem de acontecimentos (haverá cada vez mais acontecimentos graças aos media e à informação), mas por retardamento, indiferença e estupefação. A história já não consegue mais ultrapassar-se, encarar sua finalidade, sonhar o próprio fim; mergulha no seu efeito imediato, esgota-se nos efeitos especiais, implode na atualidade (BAUDRILLARD, 1994: 12).

A teoria de Baudrillard é a de que "no próprio centro da informação a história está ameaçada de desaparecimento", tendo em vista a passagem do tempo histórico para o espaço publicitário, com ampla cobertura, divulgação, informação em nível global. A impressão que fica diante dessa saturação de mass media é a de que temos que abolir o tempo real, anular o tempo linear e perseguir as memórias selecionadas numa tentativa de agarrar e salvar a história:

Historicizar tudo, arquivar tudo, memorizar tudo, sobre o nosso passado e o de todas as culturas. Não se encontrará aqui o sintoma de um pressentimento coletivo do fim, de que acabou o acontecimento e o tempo vivo da história e temos de nos munir de toda a memória artificial, de todos os signos do passado, para enfrentarmos a ausência do futuro e os tempos glaciares que nos aguardam? (BAUDRILLARD, 1994:24).

Aqui todas as estruturas mentais e intelectuais imaginadas por Baudrillard mergulham e se enterram em busca de memórias que possam oferecer a extrema-unção, o balanço de fim de século e o sonho da ressurreição. Todos os seres e coisas vivas “pressentem já o terror do ano 2000”. As sociedades cada vez menos esperam do futuro e cada vez menos confiam na história. Dessa forma, o historiador sente que precisa se antecipar, saltar para lá do fim e alcançar o fato antes mesmo que ele aconteça:

O único meio de lhe escaparmos, de cortamos com essa recessão e essa obsessão, seria colocarmo-nos imediatamente numa outra órbita temporal, passarmos por cima da sombra do século, tomarmos um atalho elíptico e passarmos para lá do fim, não lhe dando tempo de acontecer (BAUDRILLARD, 1994:25)

O autor diz que no lugar de uma fuga para a frente, para o futuro, o historiador preferiu um apocalipse retrospectivo, caindo na armadilha do revisionismo histórico das sociedades que optaram pelo branqueamento político de todos os seus crimes, todos os seus escândalos, todas as suas culpas. Para Baudrillard, o fim de siècle é uma era atípica em que todos os países mergulham numa onda de revisão e arrependimento com o objetivo de excluir tudo o que é negativo da lembrança histórica:

Se pudéssemos escapar a esta moratória de fim de século, a esta meta adiada, que estranhamente se assemelha a um trabalho de luto, e a um trabalho de luto falhado, que consiste em rever tudo, em reescrever tudo, em restaurar tudo, para, num atitude paranóica, apresentar uma contabilidade perfeita no final do século (BAUDRILLARD, 1994:35).

O criterioso processo seletivo imposto pelo revisionismo, aliado à grande promoção da história como espaço publicitário dos media, levam a história ao extremo, a uma greve de acontecimentos, uma recusa de sentido histórico, ao fim da história: "Essa greve de acontecimentos constitui uma verdadeira manifestação histórica, essa recusa de significar seja o que for, ou essa capacidade de significar não importa o quê. É aí que reside o verdadeiro fim da história, o fim da razão histórica" (BAUDRILLARD, 1994:38).

Baudrillard acaba de matar a história. Impiedoso, ele proclama que:

O fim da história é também o fim dos caixotes de lixo da história. Já nem sequer

há lixeiras para guardar as velhas ideologias, os velhos regimes, os antigos valores... Conclusão: se já não há caixotes de lixo é porque a própria história se transformou numa lixeira. Transformou-se no próprio caixote do lixo, como o planeta está em vias de se transformar (BAUDRILLARD, 1994:44).

Conceber o fim da história dessa forma é uma das visões mais dramáticas da modernidade: chegar a um estágio em que todas as ideologias, sistemas, esperanças, histórias nacionais ou histórias de vida, mundos e filosofias, sejam velhas ortodoxias consagradas ao lixo. Nessa trama gasta da modernidade, a ironia, segundo Baudrillard, resulta apenas da desilusão e do desencanto. É uma ironia fósil proveniente apenas dos detritos:

O problema passa a ser então o dos detritos. Não se coloca só em relação às substâncias materiais, incluindo as atômicas, mas também em relação às ideologias defuntas, às utopias ultrapassadas, aos conceitos mortos, às idéias fossilizadas, que continuam a poluir o nosso espaço mental. Os resíduos históricos e intelectuais são um problema ainda mais grave do que os resíduos industriais (BAUDRILLARD, 1994:44).

Para Baudrillard, o novo imperativo ecológico da era moderna é a reciclagem. Todos os detritos devem ser reciclados: os fantasmas étnicos, lingüísticos, feudais e ideológicos das sociedades esmagadas, todos são recicláveis. A ordem agora é a reciclagem. A reciclagem é a saída. Dessa forma, Baudrillard, que matou a história, que jogou a história na lata de lixo, descobre a reciclagem e ressuscita a história. Constata que nada do que se julgava ultrapassado desapareceu, que todos os vírus estão intactos, que o novo século está em marcha, que toda a gente respira e decreta, então: “Não escaparemos ao pior, a saber, que a história não terá fim, visto que os restos, todos os restos - a igreja, o comunismo, a democracia, as etnias, os conflitos, as ideologias - são indefinidamente recicláveis” (BAUDRILLARD, 1994:46).

O fim, o caos, o vazio, o nada...seguidos imediatamente pela reciclagem de tudo o que a civilização construiu. Um mundo nietzscheniano que se auto-destrói e se auto-constrói, além do bem e do mal, que exige homens e sociedades eternamente mutantes. Aqui Berman reforça que, em meio às contradições e falta de valores da vida moderna, o homem deve ser capaz de criar a si mesmo e o seu mundo em meio a angústia e a beleza do caos:

São todos movidos, ao mesmo tempo pelo desejo de mudança - de autotransformação e de transformação do mundo em redor - e pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços. Todos conhecem a vertigem e o terror de um mundo no qual “tudo o que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 1986:13).

Esse mundo que nasce e morre, cria e destrói, emerge de um mar tempestuoso de forças e potência para, literalmente, desmanchar no ar é descrito por Antonio Celso Ferreira, pesquisador brasileiro de vanguarda, que em “História fast food ou alguns problemas da teoria e da narrativa histórica neste fim de século”, destaca que os múltiplos focos de representação do passado, os sentidos compartilhados de uma comunidade humana que se relaciona no grande tempo: “Tudo muda aceleradamente no plano mundial. Como não poderia deixar de ser alteraram-se radicalmente até mesmo os modos de relação dos homens com o tempo e o espaço, isto é, as condições inerentes à historicidade” (FERREIRA, 1995:33).

Antonio Celso analisa que a fragmentação do saber e a história imediatas colocam um número cada vez maior de desafios ao problema do tempo e da memória histórica: “Em consequência disso, o tempo e a tradição também são atravessados por uma espécie de desencaixe e descontinuidade. Em outras palavras, a velocidade das transformações e a cultura do imediato provocam o esquecimento, a sensação da amnésia, a morte do passado...” (FERREIRA, 1995:33).

O autor observa que esse fenômeno de velocidade e ruptura, em que o passado parece estar se descolando do presente, provocando uma descontinuidade crescente, é acompanhado pelo impacto da realidade virtual, supra-histórica, promovida diariamente pelos computadores e pela televisão, evidencia o monopólio da mídia sobre a história, impondo sobre o cotidiano das massas a tirania dos acontecimentos em série:

Eis que então chegamos ao acontecimento de digestão imediata, base de uma história fast-food. Aos nossos olhos, muros de Berlim, impeachments, Carandirus e arrastões - os últimos fatos, já tão velhos - passam como cliques hiper-representados, alternando delírios programados e depois esquecidos (FERREIRA, 1995: 34).

A história contemporânea, com a finalidade de consumo rápido e digestão imediata, num país como o Brasil, aumenta os abismos de falta de sentido histórico e reconhecimento cultural, alega Ferreira, abordando o impacto da hiper-realização nos documentários, filmes, reportagens, novelas e propaganda. O autor defende que, além da televisão, a mídia multiplica sua linguagem através dos museus, cinemas, moda, arquitetura e memórias gráficas, provocando o abandono da história engajada ou social:

Talvez seja possível acrescentar a esse mapeamento outra marca própria da atual historiografia: o enfraquecimento de seu poder educativo ou de veículo de imaginação mora.... Em alguns círculos, sobretudo os de linha marxista, esta situação tem sido interpretada como o abandono mais ou menos voluntário de uma história engajada (FERREIRA, 1995:36).

Lembrando que a proposta da modernidade é um renovar contínuo dos sistemas de interpretação e explicação da realidade, das formas de imaginação e criação

artísticas, Ferreira diz que não existem receitas prontas para curar o mal-estar dos domínios historiográficos, mas faz algumas projeções que devem ser levadas em conta, como uma aproximação com a narrativa literária, o debate sobre o estatuto do realismo que fundamenta a escrita da história e experimentações transdisciplinares com a literatura, o teatro e o cinema.

Tornar mais rico o diálogo com as expressões sócio culturais da modernidade e repensar o próprio papel do historiador, dos modernos profissionais, intelectuais e artistas, é propósito de Marshal Berman, em “Tudo que é sólido desmancha no ar”, principal obra deste ensaio. Sua reflexão sobre os intelectuais é feita pela ótica marxista, que vê os pesquisadores como trabalhadores assalariados da burguesia, membros da moderna classe trabalhadora: o proletariado.

Berman acrescenta que os modernos intelectuais, prisioneiros do capitalismo como os demais trabalhadores, imaginam formas de sair da armadilha, apresentam idéias revolucionárias, contudo são frustrados pelas condições sociais que os transforma também em massa de manobra: “Por outro lado, já que eles se envolvem pessoalmente em seu trabalho - ao contrário da maioria dos trabalhadores assalariados, que são alienados e indiferentes - as flutuações do mercado os atingem de modo mais profundo” (BERMAN, 1986:114).

Para o autor, o único caminho existente para que os intelectuais possam produzir idéias e movimentos radicais, para que sejam capazes de vencer as pressões e as crises é o reconhecimento da intensidade da sua dependência: “Vendendo-se peça por peça, eles vendem não apenas sua energia física, mas suas mentes, sua sensibilidade, seus sentimentos mais profundos, seus poderes visionários e imaginativos, virtualmente todo o seu ser” (BERMAN, 1986:114).

A visão marxista da sociedade moderna soube unir o pensamento de Rousseau e Nietzsche, revelando um mundo cada vez mais caótico, implacável diante da modernização dos sistemas de produção e das relações entre capital e trabalho, relações essas que envolvem também e de forma ampla os intelectuais, que devem desempenhar neste momento a mesma importante função que desempenharam ao longo dos séculos em todas as grandes reformas religiosas, políticas ou sociais. Ao analisarmos processos revolucionários, como a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Russa (1917), entre outros, podemos perceber claramente que, se os intelectuais fogem à luta, os movimentos populares perdem a força vital dos eventos revolucionários.

A intenção de Marx, ao arrancar os halos de suas cabeças é mostrar que ninguém na sociedade burguesa pode ser tão puro, tão seguro ou tão livre. As teias e ambigüidades do mercado são de tal ordem que a todos capturam e emaranham. Os intelectuais precisam reconhecer a intensidade de sua dependência (BERMAN, 1986, 114).

Inseridos nesse contexto, os intelectuais estão sendo chamados, pelos autores trabalhados neste ensaio, ao compromisso com a organização social e política dos trabalhadores, devendo respostas a questões emergenciais colocadas pelas comunidades excluídas, sobreviventes das convulsões e megatensões provocadas pela modernidade tão selvagem quanto o capitalismo. Modernidade essa que pesa sobre os ombros da humanidade perplexa diante de um mundo que “desmancha no ar”. Berman faz uma avaliação que, se não é satisfatória, pelo menos, é coerente entre o mundo moderno e as teorias de Marx, alternando visões múltiplas de um mundo que se cria, se destrói e se recicla:

... das roupas sobre nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram, às vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo as nações que as envolvem - tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas (BERMAN, 1986:97).

Essa descrição de uma sociedade que perdeu o controle sobre o futuro, mas que ainda assim não deixou de sonhar com a liberdade para o mundo em que vive e para a moderna humanidade, é feita por Berman de forma singular, admitindo-se os riscos e os perigos da modernidade, sem nunca perder de vista o fator humano e as fronteiras comuns. Fronteiras nas quais depositamos a expectativa de unir e preservar nossos sonhos, nossas famílias e nossas vidas. Fronteiras móveis que possamos transpor e cuja travessia nos permita experimentar, modificar e transformar esse mundo moderno e veloz, violento e louco que dentro do conceito nietzscheniano continua sua caminhada do mais quieto, rígido e frio ao mais ardente, selvagem e contraditório:

Precisamos começar do ponto onde estamos: psiquicamente nus, despidos de qualquer halo religioso, estético ou moral, e de véus sentimentais, devolvidos à nossa vontade e energia individuais, forçados a explorar aos demais e a nós mesmos para sobreviver; e mesmo assim, a despeito de tudo, reunidos pelas mesmas forças que nos separam (BERMAN, 1986:125).

Uma sociedade à beira do abismo, liberta dos dogmas religiosos e científicos, que explora e é explorada, que contra o frio e o fogo, o vento e a tempestade, diante das ondas do tempo, tem apenas o sonho, o desejo, a vontade de viver num mundo melhor e mais humano, diferente deste mundo moderno e caótico, pleno de migalhas e rupturas, em que homens e mulheres se transformam em sombras silenciosas que se movem entre os edifícios das grandes cidades ou entre as máquinas agrárias das grandes propriedades em busca de sobrevivência e dignidade.

Vagamente cômicos de tudo o que poderemos realizar juntos, prontos a nos distendermos na direção de novas possibilidades humanas, a desenvolver identidades e fronteiras comuns que possam ajudar-nos a manter-nos juntos, enquanto o selvagem ar moderno explode em calor e frio através de todos nós (BERMAN, 1986:125).

“Fronteiras comuns que possam ajudar-nos a manter-nos juntos”, é isso o que estamos buscando para que não sejamos abruptamente separados, imediatamente fragilizados, inevitavelmente silenciados. Berman é um professor-pesquisador, como a maioria dos intelectuais, a diferença é que ele não vacilou em lidar com diversas áreas do saber, que moveu numerosas fronteiras, buscando unir disciplinas e pensamentos, homens e saberes. Em seu ensaio histórico e literário, ele juntou história, literatura, economia, política, arquitetura e urbanismo numa dança de teorias e imagens. Produziu uma síntese, fez uma química: fundiu, ligou, misturou, juntou e apresentou sua poção. Esse trabalho resultou numa alquimia que ligou ramos, artes e ciências, num livro que nos obriga a uma visão dos tempos modernos, que nos impele ao centro do turbilhão da vida moderna e que o autor conclui com certa melancolia:

O processo de modernização, ao mesmo tempo que nos explora e nos atormenta, nos impele a apreender e enfrentar o mundo que a modernização constrói e a lutar por torná-lo o nosso mundo. Creio que nós e aqueles que virão depois de nós continuarão lutando para fazer com que nos sintamos em casa neste mundo, mesmo que os lares que construímos, a rua moderna, o espírito moderno continuem a desmanchar no ar (BERMAN, 1986:330).

Essa é a nossa mais alta esperança no momento em que concluimos este ensaio: que tenhamos forças para continuar lutando neste mundo pleno de contradições; que sejamos corajosos mesmo sem os nossos halos; que estejamos atentos ao assédio das modernas tecnologias para não arriscar o que nos resta de ternura; que sejamos espertos para apreender as linguagens gráficas e sábios para compreender as vozes silenciosas dos trabalhadores oprimidos; que sejamos coerentes com a ilusão do fim, com a greve dos acontecimentos, com o imperativo ecológico da reciclagem; que estejamos preparados para enfrentar os desafios da história fast food, da liberdade e do capitalismo selvagem deste *fin de siècle*; e acima de tudo que sejamos capazes de aceitar nossa enorme dependência intelectual, econômica e espiritual, pois dessa consciência dos nossos limites certamente florescerá nossa vontade e nosso desejo de ruptura e mudança, com uma potência tal que conceda abertura para o despertar de uma sociedade mais humana e de um mundo mais justo. Um mundo que talvez um dia possamos chamar de “nosso mundo” habitado por homens e mulheres mais livres e mais felizes, que possam sonhar e viver sem medo da sombra dos cogumelos atômicos e das ameaças das guerras nucleares.

Referências

BAUDRILLARD, J. *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos*. Lisboa Portugal: Trad. Manuela Torres, Terramar, 1994.

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 13. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

FERREIRA, A. C. *História e literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares*. São Paulo: Rev. Pós-História, UNESP, 1996

_____. *História Fast Food: Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

NIETZSCHE, F. *Assim Falava Zaratustra*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre as ciências e as artes - O Pensador*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.